

A VOLTA DOS MONSTROS

ABREU, Capistrano — **Obras, e outros.**

Alguns autores, cujas obras há muito não freqüentavam as livrarias, circulando antes como livros raros, apenas entre privilegiados bibliófilos, foram agora reeditados, num espaço de tempo relativamente curto, com aparato bibliográfico no geral bom, sendo sempre aclamados com simpatia pela crítica militante.

Com exceção de "Os Sertões", que com intermitência regular continuava cumprindo seu destino, mas cuja última edição — a 27.^a — data de 1968, portanto já há algum tempo, as demais obras que agora se mostram com facilidade, não eram reeditadas há pelo menos trinta anos, pois Capistrano de Abreu, divulgado por iniciativa da Sociedade que leva o seu nome, foi lançado na década de 20, pela última vez, enquanto que Francisco Lisboa teve as últimas edições de obras suas datando de 1946.

Durante esse tempo, que equivale ao de uma geração, nenhum editor teve a temeridade de aventurar-se num empreendimento, considerado com certeza, até há pouco, como uma proeza comercial de conseqüências desastrosas, isto é, encalhe seguro. As instituições oficiais e universitárias, por sua vez, também permaneceram insensíveis à empresa.

Assim, o relançamento hoje, por mais de uma editora, depois de tão prolongado hiato, de autores como João Capistrano de Abreu (1), Euclides da Cunha (2)

(1) As **Obras de Capistrano de Abreu** foram lançadas pela Editora Civilização Brasileira, obedecendo o texto das edições da Sociedade Capistrano de Abreu, ao que se acrescentou uma **introdução** ou **nota liminar** de José Honório Rodrigues, conhecedor e valorizador da obra de Capistrano. A edição consta de sete volumes, todos já lançados entre 1975/1976: "Capítulos de História Colonial", "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil", "O Descobrimento do Brasil" e "Ensaio e Estudos", em quatro volumes (1.^a a 4.^a série).

(2) Euclides da Cunha teve suas obras "Peru versus Bolívia", "Caderneta de Campo", "Contrastes e Confrontos" e "Os sertões" lançadas em 1975 pela Editora Cultrix. O texto dessas edições foi estabelecido e precedido de introdução por Rolando Morel Pinto ou Olímpio de Sousa Andrade. A Editora Vozes inaugurou sua mais nova coleção — **Dimensões do Brasil** — com uma coletânea dos ensaios amazônicos do autor, selecionados e coordenados por Hildon Rocha. O volume em questão, intitulado **Um Paraiso Perdido** traz uma introdução de Arthur César Ferreira Reis, vários depoimentos sobre Euclides e sua obra, bem como a bibliografia do autor e sobre o autor, como aliás convém a uma edição que se destina a ser fonte de estudo.

e João Francisco Lisboa (3) — três monstros sagrados da historiografia brasileira — reclama portanto uma reflexão sobre o que significou sua obra e o que pode vir a significar para o pensamento brasileiro no momento atual.

Os editores, que por força do seu desempenho empresarial, devem ter mais apurada intuição que os intelectuais para tomar em consideração indicadores que nos escapam, abraçaram a idéia e já anunciam novos lançamentos nessa linha, o que de certa maneira devia surpreender, uma vez que aparentemente a população universitária brasileira está inteiramente voltada para o estudo do Brasil contemporâneo.

Como explicar portanto, que autores cujo esforço de interpretação voltou-se para a Colônia e o Império, venham a ocupar lugar como objeto de estudo? ou o seu consumo se destina a uma burguesia ociosa e cultora de uma certa tradição intelectual?

Voltando a considerar essas edições como empreendimento, mesmo que se negasse outros méritos à ação do Instituto Nacional do Livro, a sua participação sistemática nesses lançamentos constitui uma dívida que a massa de leitores com ele contrai. Acreditamos que esse estímulo, recebido pelas casas editoras, foi suficiente para tirar-lhes as últimas hesitações, ao que se juntam naturalmente alguns indicadores de que o mercado responderia bem à iniciativa.

É possível inclusive que esta última expectativa seja bastante excedida, pois se nota da parte dos estudantes universitários dos cursos de pós-graduação, a princípio simples curiosidade e logo a seguir interesse científico em conhecer, para melhor avaliação, as idéias de autores como estes que resenhamos. Isto posto, será possível reativar um processo de revisão já iniciado em algumas teses universitárias (4).

Com recursos analíticos modernos, as ciências sociais permitem hoje em dia que se avance bem mais do que seria possível, em termos do Brasil, no momento em que circularam as idéias desses escritores, que com certeza uma população significativa de intelectuais estará lendo agora, pela primeira vez, graças a estas edições.

Nesse sentido, é sintomático desse clima também, que a crítica mais credenciada tenha saído a campo para saudar o evento. É o bastante se ler o que escreveram a propósito José Honório Rodrigues, Francisco Iglésias e Edgard Carone, para comprovar a nossa afirmação.

(3) A coleção Dimensões do Brasil, da Editora Vozes, é que foi também responsável em incluir como seu segundo volume os "Apontamentos para a História do Maranhão", de João Francisco Lisboa, com o título de **Crônica do Brasil Colonial**. O volume traz introduções de Peregrino Júnior e Graça Aranha, bem como uma bibliografia do e sobre o autor.

(4) Sobre Euclides da Cunha o estudo de Walnice Nogueira Galvão, **No calor da hora** constitui atenta análise para a compreensão da face jornalística do escritor, cuja manipulação retórica contribuiu decisivamente para mitificá-lo. O condicionamento burguês (monarquista) da obra de Capistrano de Abreu foi apontado por Padre de Alcântara Figueira em sua tese **Historiografia Brasileira: (Análise Crítica)**, S. Paulo 1973 (mimeografado). Sobre Lisboa temos outra tese, a de Maria de Lourdes Monaco Janotti, **João Francisco Lisboa: contribuição para o estudo da historiografia brasileira**, S. Paulo 1971 (mimeografado).

Independente das razões que incentivaram esse investimento, a oportunidade que se oferece à nova geração de intelectuais de entrar em contacto com o pensamento crítico de alguns autores, cujas obras marcaram momentos decisivos do conhecimento histórico no Brasil, parece-nos excelente por vários motivos, pois assumiram eles algumas posturas significantes da consciência crítica nacional.

Desmontar a sua obra, promover-lhe uma análise que permita discernir o conhecimento científico do conhecimento ideológico, detectar seus compromissos, divergências e contradições é uma tarefa que agora se põe mais ao nosso alcance.

No caso que estamos resenhando tratam-se, como se sabe, de três intelectuais que testemunharam e participaram do processo histórico, descrevendo-o com sua sensibilidade, portanto fornecendo impressões sobre as atitudes e comportamentos dos agentes sociais que os cercavam, tanto daqueles que detinham o poder, quanto dos que se perdiam na massa anônima. Mas, também eles avançaram com sua inteligência no conhecimento do processo evolutivo, ao procurar entender e reproduzir a realidade histórica que viveram, bem como estudar o contexto passado e arriscar projeções sobre o nosso destino como povo e nação.

Nesse sentido, as interpretações que propõem percorrem um circuito liberal, que vai do empirismo ao positivismo heterodoxo, refletindo, com nuances, o pensamento dominante no Brasil da época em que viveram.

Entretanto, não tem sido tranqüila a classificação dessa santa trindade, quer na história da literatura, quer na história das idéias. Naquela, para Capistrano e Euclides reservam-se lugares entre os positivistas, evolucionistas, empiristas e/ou spencerianos, enquanto que na literatura estão entre os realistas e/ou materialistas, para lembrarmos apenas algumas dessas propostas classificatórias. Já Francisco Lisboa ficaria no romantismo, sendo considerado, para sermos mais exatos, um pré-romântico.

A simultaneidade de suas reedições permite assim também, como objeto de estudo, colocar vis-à-vis, dois grandes momentos da história do pensamento brasileiro: o romantismo e o positivismo. Em ambos há a projeção de imagens do Brasil, que se não chegavam a ser antípodas, apresentavam, contudo, diferenças substantivas ao nível das origens, formação e compromissos científicos e ideológicos dos seus autores. Daí, os debates em que se envolveram.

Mas, também se nota que as tendências, temas e idéias, a assimilação dos modelos europeus ou a marca de uma certa originalidade conferem a esses escritores um lugar destacado em nossa história das idéias. Com eles a descrição puramente impressionista cede lugar a uma visão e consciência crítica da realidade histórica brasileira. Num primeiro momento projetarão uma imagem fatural e romântica, ao que num segundo momento sucederá a análise crítica daquela imagem e do conhecimento sobre ela gerado.

Essas representações, ainda que possam ser insuficientes para atender o nosso interesse científico, são contudo aquelas do que viram e sentiram os que a geraram

e que foram reconhecidas por uma camada da sociedade brasileira da época, justamente para quem, com certeza, se destinavam esses textos. Afigurava-se-lhes como a tradução da sua "visão do universo" e dos seus interesses portanto. Prova é a receptividade que tiveram essas obras já no momento em que foram divulgadas.

São alguns, entre outros motivos, que nos levam a nutrir a expectativa de que essa linha de reedições prossiga, trazendo também para o nosso convívio intelectual as idéias de Sílvio Romero, Manuel Bomfim, Serzedelo Correia, o Joaquim Nabuco de "O Abolicionismo", Vicente Licínio Cardoso e outros mais. — **José Roberto do Amaral Lapa.**

BARRUEL de Lagenest, J. P. — Elementos de sociologia da religião (Guia para pesquisas). Petrópolis, Ed. Vozes, 1976, 70 págs. 13 x 18 cm.

A Ed. Vozes acaba de lançar o livro do Prof. Lagenest como uma introdução à sociologia da religião. Como o próprio A. indica no sub-título, trata-se, antes de tudo, de um guia para pesquisa. Aí o leitor encontra delineado um roteiro para aprofundar o tema, baseado na bibliografia citada somente no final da obra.

O profano e o sagrado, a sacralização dos lugares, do tempo e da natureza são tratados à vol d'oiseau no primeiro capítulo, onde Durkheim e Eliade são seguidos de outros autores como fontes de referência. Trata a seguir de "Os fenômenos religiosos como expressão de uma experiência religiosa", onde o mito, o dogma, os ritos e os cultos são definidos em sua interdependência. "O fato de se apresentar como manifestação coletiva não significa que é a coletividade que cria o mito, mas apenas que ela o condiciona: o mito existe em função do grupo e reflete sua estrutura e tipo de vida" (pág. 25). Se o mito pertence ao mundo das imagens, o dogma pertence ao mundo dos conceitos; o que não exige necessariamente a existência de um mito na origem de todo dogma; fato que, no entanto, ocorre com freqüência. Enquanto mito e dogma são objetos de fé, cultos e ritos estão no plano do real, do agir, constituindo-se a exteriorização das mais diversas atitudes religiosas interiores, tornando real o que é "representado".

É a religião uma atitude do indivíduo ou do grupo, ou de ambos inseparavelmente? Esta questão é o objeto do cap. 3: "O fenômeno religioso caracteriza-se por ser, ao mesmo tempo, individual e social, pessoal e comunitário; nele há contínua interrelação e interação do indivíduo, da pessoa para com a comunidade e da comunidade para com a pessoa" (pág. 36). Religião de massas e religião de elites, religião estática e religião dinâmica e a integração e desintegração dos fenômenos religiosos são tratados em seguida. O fenômeno religioso nunca é puramente religioso, mas sempre condicionado por um contexto econômico, social, cultural e político. Os cismas atestam historicamente esta interdependência. Dentro desta visão do sistema social, o tabu e a moral surgem como elementos elucidativos da consciência individual e da consciência coletiva.

O grupo religioso é tratado no cap. 4 como um fenômeno religioso em si mesmo. Varia o grupo religioso quanto a extensão geográfica e na dimensão histórica. A sociologia não pode ignorar estas características. O A. propõe uma tipologia cujos critérios são as dimensões espacial e temporal: a "capelinha", a seita, a confissão, a igreja nacional e a igreja internacional. Não há grupo religioso sem uma hierarquia, daí os discípulos, irmãos, iniciados, semi-iniciados, sábios, sacerdotes e profetas.